



SEADE

Conjuntura da Economia Paulista

3º trimestre de 2021

Grupo de Conjuntura Econômica da Fundação Seade

SEADE
Fundação Sistema Estadual
de Análise de Dados


SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO

Secretaria de
Governos

Secretaria da
Fazenda e Planejamento

Apresentação

O principal imposto estadual, o ICMS, tem sua arrecadação diretamente relacionada ao nível de atividade econômica. Por este motivo, para compreender o desempenho da arrecadação tributária estadual, a Coordenadoria da Administração Tributária da Secretaria da Fazenda e Planejamento de São Paulo firmou uma parceria com a Fundação Seade, vinculada à Secretaria de Governo do Estado de São Paulo e centro de referência nacional na produção e disseminação de análises e estatísticas socioeconômicas e demográficas. Um dos resultados desta parceria é o Boletim de Conjuntura da Economia Paulista, elaborado pelo Grupo de Conjuntura Econômica da Fundação Seade, e agora divulgado no sítio eletrônico da Secretaria da Fazenda e Planejamento. O boletim, com periodicidade trimestral, traz informações e dados de forma a proporcionar ao leitor a compreensão do panorama da Economia Paulista em vários de seus aspectos, contextualizando-a de acordo com a perspectiva do ambiente econômico do Brasil e do mundo.

Introdução

As informações relativas ao terceiro trimestre de 2021 mostram que a economia paulista retraiu 0,6% na comparação com o trimestre anterior com ajuste sazonal, a segunda queda consecutiva nessa forma de comparação. Em relação a 2020, a taxa anualizada foi de 7,0%, refletindo, em grande medida, a base comparativa reduzida, em decorrência do choque gerado pela pandemia.

Dentre os fatores responsáveis por essa redução do ritmo da economia paulista, a escalada inflacionária tem assumido um papel cada vez mais central, seja pela corrosão do poder de compra das famílias, seja pelo aumento generalizado de custos, afetando as condições de produção, sobretudo na indústria. Especificamente em relação à indústria, pesa o impacto da falta de insumo ainda derivada da crise logística internacional e, particularmente no setor de alimentos, da queda da produção decorrente da estiagem no Estado.

No cenário mundial, o otimismo e as condições mais favoráveis resultantes do avanço do processo de vacinação e da recuperação da economia mundial sofrem abalos em razão do recrudescimento da pandemia que atinge a Europa e os EUA, bem como pela descoberta de uma nova variante (Ômicron) na África do Sul, com grande poder de transmissão e mutação, mostrando que uma volta à normalidade depende da imunização com abrangência global.

Economia internacional

Panorama

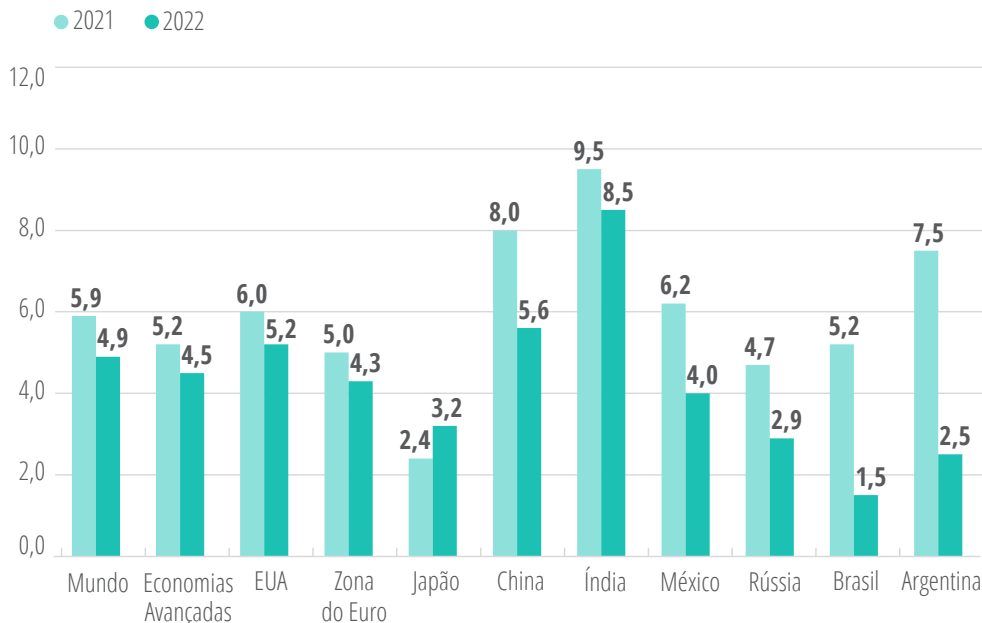
Ao mesmo tempo que se confirma a recuperação da economia mundial, crescem as incertezas quanto à sua capacidade de sustentação a médio e longo prazos. Nesse sentido, ganham importância as tensões referentes ao avanço da inflação, ao desemprego estrutural e ao aprofundamento das desigualdades, englobando países, renda e mercados.

Em sua publicação de outubro,¹ antes da confirmação da quarta onda, o FMI projetou para 2021 e 2022 expansão do produto mundial de 5,9% e 4,9%, respectivamente, alertando para os riscos do grande descompasso no processo de vacinação, com grandes avanços nos países mais ricos e em alguns emergentes e atraso considerável nas nações mais pobres, abrangendo boa parte da África e da Ásia.

1. *World Economic Outlook*, outubro de 2021.

Gráfico 1 - Taxas de crescimento da economia mundial projetadas pelo FMI

Regiões e países selecionados, 2021-2022, em %



Fonte: Fundo Monetário Internacional; Fundação Seade.

Economia internacional

Com relação às projeções para 2021, as maiores taxas de crescimento foram para Índia (9,5%), China (8,0%) e Argentina (7,5%), enquanto Japão (2,4%), Rússia (4,7%) e Zona do Euro (5,0%) ficaram com as menores projeções.

No tocante a 2022, a projeção do FMI é de expansão de 4,9% da economia mundial, considerando, inicialmente, uma base de comparação mais elevada e perda de fôlego dos pacotes fiscais de ajuda e, mais recentemente, uma provável inflexão das políticas monetárias. As maiores taxas ficaram para Índia (8,5%), China (5,6%) e EUA (5,2%), sendo que o grupo de crescimento menor é formado por Brasil (1,5%), Argentina (2,5%) e Japão (3,0%), em função das dificuldades de manutenção do dispêndio fiscal, nos casos de Brasil e Argentina, e de estímulo da demanda de consumo, por parte do Japão.

No entanto, é possível que o recrudescimento da pandemia na Europa e EUA e a nova variante da Covid-19 (Ômicron) provoquem revisões para baixo, principalmente para 2022, colocando mais uma vez em dúvida o retorno à normalidade, enquanto a imunização não atingir cobertura planetária.

De qualquer forma, está em curso a recuperação da economia mundial, com expansão dos fluxos de comércio, que também transparece na expansão dos mercados de *commodities*, cujas projeções se mantêm favoráveis.

Economia internacional

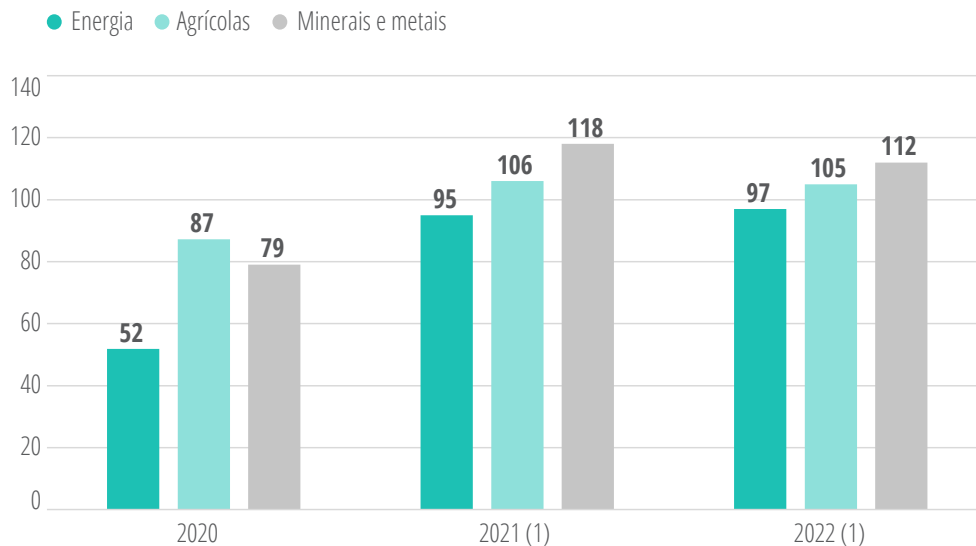
Nesse sentido, o Banco Mundial² projeta forte crescimento de preços dos principais grupos de produtos em 2021, seguido de uma relativa acomodação das cotações em níveis elevados no próximo ano (Gráfico 2).

De acordo com as projeções, o grupo de energia deve ter um crescimento anual de preços de 83,0% em 2021 e 2,1% em 2022, uma recuperação vigorosa após a queda de 31,6% em 2020. No que se refere aos bens agrícolas, as projeções são de elevação de 21,6% em 2021, seguida de retração de 0,9% em 2022, lembrando que esse grupo foi o que apresentou melhor desempenho em 2020, quando teve aumento de 4,6%. Por sua vez, o grupo de minerais e metais deve fechar 2021 com crescimento de 49,1% e apresentar queda de 5,1% em 2022.

Especificamente para o Estado de São Paulo, vale a pena examinar a evolução prevista de preços para três *commodities* que integram a lista dos cinco principais produtos da pauta de exportação paulista.

2. Banco Mundial. *Commodity Markets Outlook*, outubro de 2021.

Gráfico 2 – Índices de preços dos principais grupos de *commodities*
Mundo, 2020-2022



Base: 2010 = 100

Fonte: Banco Mundial; Fundação Seade.
(1) Projeções.

Economia internacional

Em relação ao açúcar, as projeções do Banco Mundial são de elevação de 39,3% em 2021 e recuo de 5,1% em 2022, com a cotação média ficando em US\$ 0,37/kg, patamar elevado, considerando a série histórica.

Outro produto importante é o óleo bruto de petróleo, cujas projeções são de avanço de 69,5% em 2021 e de 5,7% no próximo ano, demarcando recuperação em relação à queda observada em 2020 (32,7%).

Por último, cabe destacar a soja, para a qual é projetada elevação de 40,0% em 2021 e de 1,0% em 2022, sendo que em 2020 foi registrado crescimento de 13,5%, no contexto da expansão generalizada das cotações das *commodities* agrícolas.

Em termos gerais, o panorama internacional permanece favorável. Porém, vai se consolidando cada vez mais a percepção de que a pandemia ainda permanecerá por algum tempo como foco de dificuldades, gerando incertezas em relação ao ambiente que se estabelecerá após a sua superação.

Dentre as tensões presentes, destaca-se a escalada da inflação em âmbito mundial, atingindo os EUA, países da Zona do Euro e emergentes, como Brasil, México e Argentina.

De forma resumida, esse processo tem origem no aumento dos preços de *commodities* e de determinados componentes industriais, em um ambiente de elevada liquidez. Conforme mencionado, no caso das *commodities*, o primeiro movimento de alta das

Economia internacional

cotações se deu nos produtos agrícolas no início da pandemia, envolvendo pressões de demanda e de algumas quebras de produção. Em seguida, a rápida recuperação da atividade abriu campo para o avanço das cotações dos grupos de minerais e metais e de energia.

No que diz respeito aos componentes industriais, a origem dos problemas está na relativa desorganização das cadeias de fornecimento provocada pela guerra comercial deflagrada pelos EUA contra a China, com elevação das tarifas de importação e inclusive restrições quantitativas, lembrando que, até então, prevalecia a condição de quase um monopólio para diversos itens. Com a pandemia, essas fissuras nas cadeias foram ampliadas a partir da quebra de várias pequenas e médias empresas que forneciam para os principais ofertantes nos mercados de circuitos integrados, abrangendo *chips*, *microchips*, memórias e processadores. Ao mesmo tempo, está em curso uma expansão significativa das criptomoedas, que requerem enormes sistemas integrados de *hardware*, implicando nova pressão de demanda por aqueles itens.

Também merece ser citado o recente aumento dos fretes internacionais, em função do rápido crescimento do comércio mundial, pressionando os sistemas portuários e de transporte marítimo.

Tudo indica que, em países como EUA e Alemanha, essas pressões de custos vêm encontrando formas de propagação e realimentação inflacionária, diante de um ambiente de recuperação da demanda e elevada liquidez, que facilita a recomposição generalizada

Economia internacional

das margens de lucro. Por sua vez, em economias como a brasileira e a argentina, esse processo ganha impulso com a depreciação cambial.

Com a evolução do índice de preços ao consumidor dos EUA, que atingiu a taxa anualizada de 6,4% em outubro, o FED vem sinalizando para uma gradual reversão da política monetária expansionista, com aumento das taxas de juros, num movimento que deverá ser seguido por grande parte das economias. Com isso, há uma forte expectativa de redução dos níveis de liquidez, ainda mais considerando o tamanho dos pacotes fiscais em curso, não só por parte dos EUA, mas também da Zona do Euro, China e Japão.

Logicamente, outro ponto de tensão continua sendo a própria pandemia, com nova variante e ondas de contaminação, na medida em que a imunização em escala global não atinge níveis satisfatórios, seja por resistência de parte da população nos países mais ricos, seja por falta de vacinas e recursos no caso das nações mais pobres.

No momento, há uma grande preocupação com a nova variante do coronavírus (Ômicron), que se espalha rapidamente pela Europa, provocando o retorno de medidas de isolamento e restrições, e para a qual pouco se sabe em termos de sua gravidade e de resistência às vacinas existentes. Conforme for a evolução dessa nova onda, poderão ocorrer revisões para baixo das projeções de crescimento da economia mundial em 2022, com rebatimentos para as economias brasileira e paulista.

Economia brasileira

Panorama

No terceiro trimestre de 2021, houve quebra de ritmo em quase todos os indicadores de atividade, contribuindo para revisões para baixo das projeções do PIB brasileiro em 2021 e 2022. Mesmo com os efeitos positivos do rápido avanço da vacinação, alguns fatores foram decisivos para a consolidação de um ambiente mais pessimista.

Começando pela inflação, seu movimento ascendente continua preocupando, sendo que o IPCA anualizado chegou a 10,3% em setembro, bem acima da meta, cujo centro é 3,8%. Seu impacto no consumo tem sido considerável, dado o poder corrosivo sobre os rendimentos do trabalho. Além disso, o caráter mundial do processo inflacionário coloca maior resistência à queda dos índices nacionais, em razão dos impulsos gerados pelas desvalorizações no câmbio. Outra tensão advém da elevação generalizada de custos, sobretudo para a indústria, com o IPA-DI anualizado atingindo 28,6% em setembro. Diante desse quadro, a política monetária foi ajustada para um novo ciclo de alta da taxa Selic.

Por sua vez, a produção industrial brasileira caiu 0,6% entre agosto e setembro, com ajuste sazonal, a terceira taxa negativa consecutiva nessa forma de comparação, evidenciando sérias dificuldades para que o setor consiga engrenar uma recuperação mais sustentada, em um ambiente que combina fraqueza da demanda e aumento dos custos.

Economia brasileira

PIB trimestral

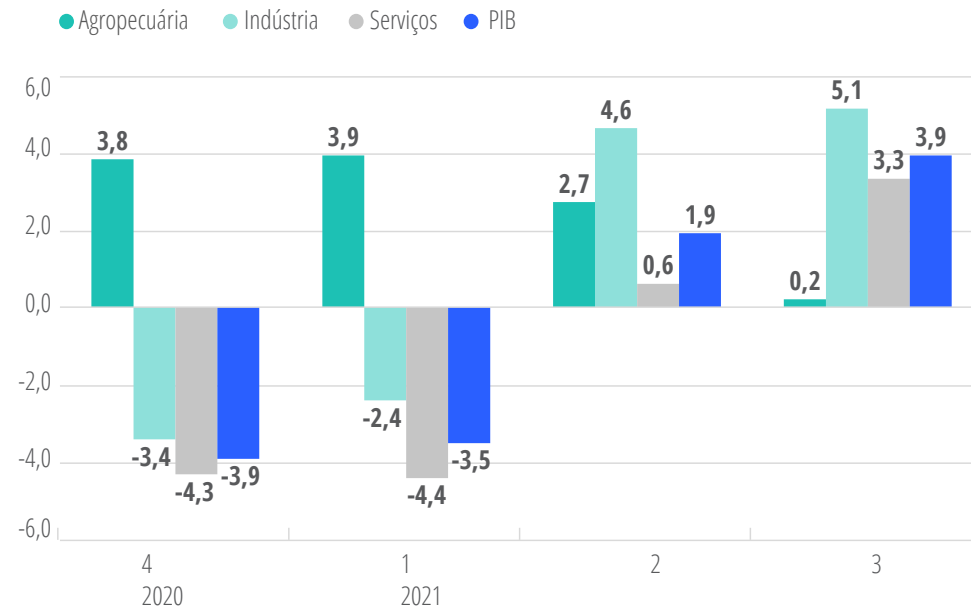
Os dados do IBGE mostram que, no terceiro trimestre de 2021, foi registrada queda de 0,1% do PIB brasileiro, em relação ao segundo trimestre e com ajuste sazonal, confirmando as expectativas de enfraquecimento da atividade.

Nessa mesma base de comparação e com ajuste sazonal, apenas o setor de serviços apresentou crescimento (1,1%), enquanto a agropecuária foi fortemente impactada pela estiagem (-8,0%) e a indústria apresentou variação nula, repetindo o fraco desempenho do segundo trimestre, quando teve retração de 0,5%.

Considerando a taxa anual e, conseqüentemente, uma base comparativa reduzida, os resultados do terceiro trimestre são mais favoráveis, com crescimento de 3,9% do PIB e avanço de 0,2% na agropecuária, 5,1% na indústria e 3,3% nos serviços (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Taxas de crescimento do PIB nos últimos quatro trimestres em relação aos quatro trimestres imediatamente anteriores, segundo setores de atividade

Brasil, 4º trim.2020-3º trim.2021, em %



Fonte: IBGE; Fundação Seade.

Economia brasileira

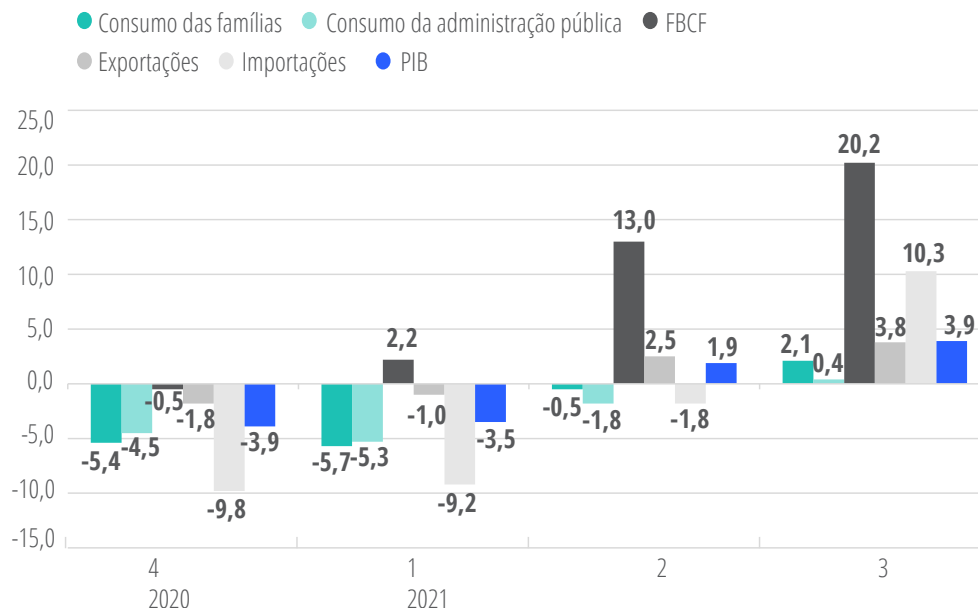
Pela ótica dos componentes da demanda, chama a atenção o crescimento anualizado da formação bruta de capital fixo, com 20,2%, e das importações, com 10,3%, enquanto taxas mais modestas são observadas para consumo das famílias (2,1%), consumo da administração pública (0,4%) e exportações (3,8%) (Gráfico 4).

Como realçado na edição anterior, pode-se observar que, enquanto a recuperação do consumo das famílias ainda é lenta, para a formação bruta de capital fixo são registradas taxas anuais de dois dígitos, indicando uma recuperação dos investimentos, não obstante uma base comparativa extremamente reduzida, relativa a 2020.

Como resultado, a taxa de investimento mostra uma evolução positiva, atingindo 19,4% no terceiro trimestre, nível elevado considerando o histórico recente da economia brasileira.

Gráfico 4 - Taxas de crescimento do PIB nos últimos quatro trimestres em relação aos quatro trimestres imediatamente anteriores, segundo componentes da demanda

Brasil, 4º trim.2020-3º trim.2021, em %



Fonte: IBGE; Fundação Seade.

Economia brasileira

Nesse sentido, é interessante avaliar o indicador da formação bruta de capital fixo elaborado pelo Ipea,³ cujo crescimento anual de 20,2% até setembro apresenta as seguintes taxas segundo seus componentes: 27,8% para máquinas e equipamentos, 14,4% para construção civil e 15,5% para outros, indicando um predomínio de modernização e capacitação das unidades existentes, em comparação aos novos empreendimentos.

A partir dessas informações, as projeções do *Relatório Focus* (06/12/2021) para o PIB brasileiro passaram a ser de crescimento de 4,7%, em 2021, e de 0,5%, em 2022.

Indicadores da atividade

Os principais indicadores de atividade disponíveis para setembro confirmam os resultados observados para o PIB, com taxas anuais mais altas e um desempenho fraco na comparação mês contra mês anterior.

O comportamento das variáveis selecionadas é descrito a seguir.

- Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br): entre agosto e setembro, o IBC-Br dessazonalizado retraiu-se em 0,3%. No acumulado de 12 meses, o indicador cresceu 4,2%, pouco acima da taxa anual registrada para o PIB pelo IBGE (3,9%).

3. IPEA. *Carta de Conjuntura*, dezembro de 2021.

Economia brasileira

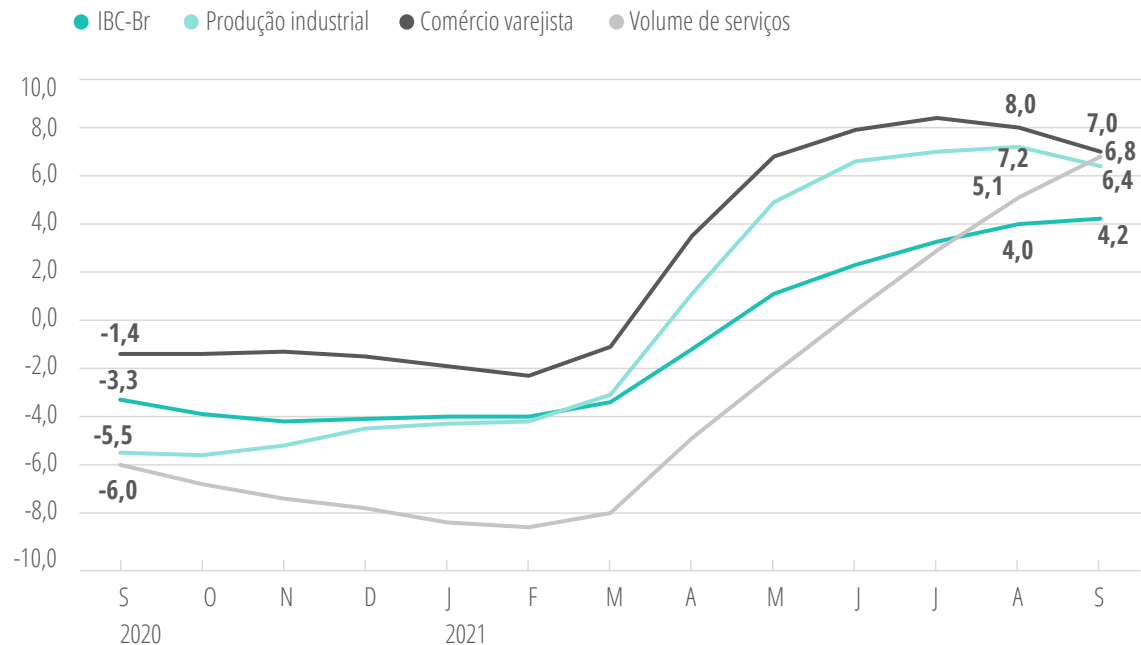
- Produção industrial – PIM – PF (IBGE): a produção física industrial medida pelo IBGE registrou, na comparação entre agosto e setembro, recuo de 0,4%. No acumulado de 12 meses, o indicador teve expansão de 6,4%, taxa expressiva, mas inferior às registradas nos três meses precedentes, indicando redução do ritmo.
- Vendas do comércio varejista (IBGE): utilizadas como indicador do consumo, as vendas do comércio varejista ampliado tiveram queda de 1,1%, entre agosto e setembro, considerado o ajuste sazonal, confirmando as dificuldades para a aceleração do consumo. No acumulado de 12 meses, observa-se aumento de 7,0%, uma taxa elevada, contudo, mostrando declínio em relação aos resultados de julho e agosto.
- Volume de serviços (IBGE): o volume de serviços recuou 0,6% na passagem de agosto para setembro. Em relação à taxa anual até setembro, registrou-se crescimento de 6,8%, confirmando o movimento ascendente a partir de junho.

O Gráfico 5, contendo as taxas anuais desde setembro de 2020, retrata o movimento de recuperação da atividade econômica brasileira, porém, com uma perda de vigor nos últimos três meses, para os casos da produção industrial e das vendas do comércio varejista.

Economia brasileira

Gráfico 5 – Evolução das taxas acumuladas em 12 meses dos indicadores de atividade

Brasil, set.2020-set.2021, em %



Fonte: IBGE; Banco Central; Fundação Seade.

Economia brasileira

Comércio exterior

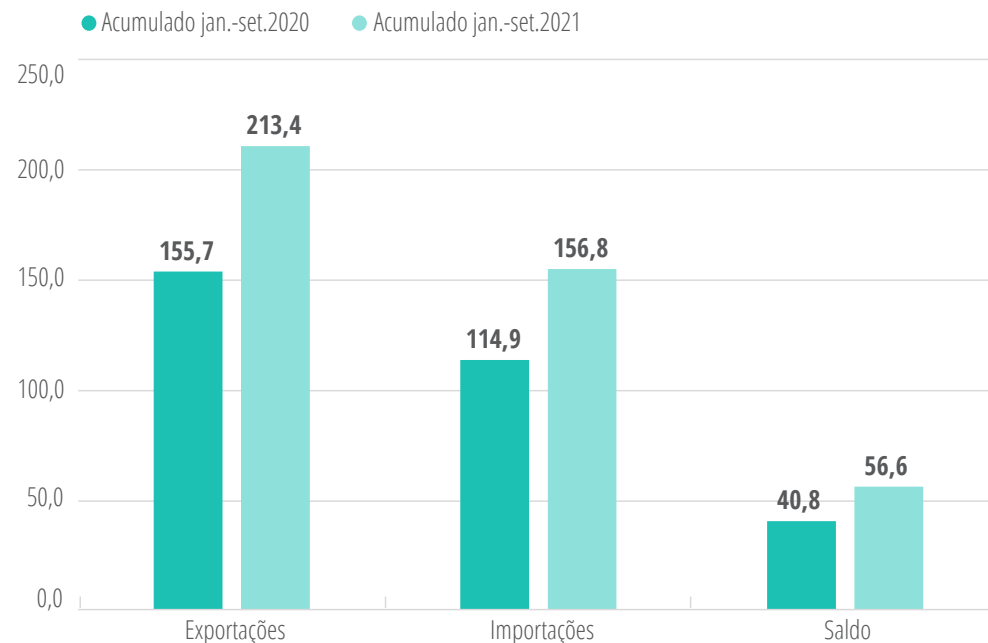
O comércio exterior brasileiro continua registrando expansão, com crescimento das exportações, das importações e do saldo da balança comercial, aproveitando a recuperação da economia mundial e os avanços expressivos nos principais mercados de *commodities*.

Na comparação do acumulado de janeiro a setembro com o de igual período anterior, as exportações aumentaram de US\$ 155,7 bilhões para US\$ 213,4 bilhões, elevação de 37,1%, enquanto as importações acumuladas cresceram 36,5%, passando de US\$ 114,9 bilhões para US\$ 156,8 bilhões. Dessa forma, o saldo da balança comercial ampliou-se de US\$ 40,8 bilhões para US\$ 56,6 bilhões no período, avanço de 38,7%, com efeito positivo sobre o PIB.

Os números de 2021 fortalecem as projeções otimistas em relação ao resultado do comércio exterior em 2021. Como exemplo, pode ser citado o

Gráfico 6 – Valor das exportações, das importações e do saldo da balança comercial

Brasil, acumulado jan.-set.2020-acumulado jan.-set.2021, em US\$ bilhões



Fonte: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços; Fundação Seade.

Economia brasileira

Relatório Focus do Banco Central de 06/12/2021, com projeção de um saldo da balança comercial de US\$ 60,3 bilhões para o total do ano, cuja confirmação representaria uma expansão de 18,2% em relação a 2020.

Economia do Estado de São Paulo

Panorama

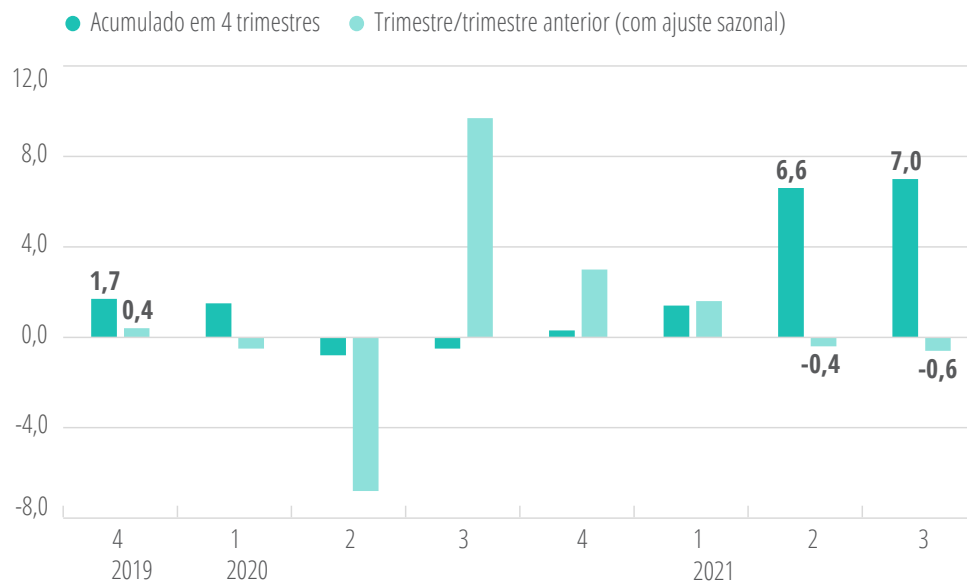
As informações relativas ao terceiro trimestre de 2021 confirmam a quebra de ritmo da economia paulista, com taxas negativas na margem, considerado o ajuste sazonal, ao mesmo tempo que permanece elevado o crescimento anualizado do PIB, mantendo perspectivas otimistas para o resultado de 2021, com uma acomodação em níveis inferiores no próximo ano.

Conforme mostra o Gráfico 7, o PIB paulista recuou 0,6% na comparação trimestre contra trimestre e com ajuste sazonal, a segunda taxa consecutiva nessa forma de comparação. Porém, a taxa de crescimento anual continua evoluindo positivamente e alcançou 7,0% no terceiro trimestre.

Embora o aumento da taxa anual ainda reflita, em grande parte, a reduzida base de comparação, acaba conferindo maior fundamento às atuais projeções para a economia paulista em 2021.

Gráfico 7 - Taxas de crescimento do PIB, no trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior, e no acumulado dos últimos quatro trimestres em relação aos quatro trimestres anteriores

Estado de São Paulo, 4º trim.2019-3º trim.2021, em %



Fonte: Fundação Seade.

Economia do Estado de São Paulo

PIB paulista

A queda de 0,6% do PIB paulista na comparação entre o terceiro e o segundo trimestres, excluída a sazonalidade, resulta dos recuos de 0,9% na agropecuária, 1,3% na indústria e 0,5% nos serviços.

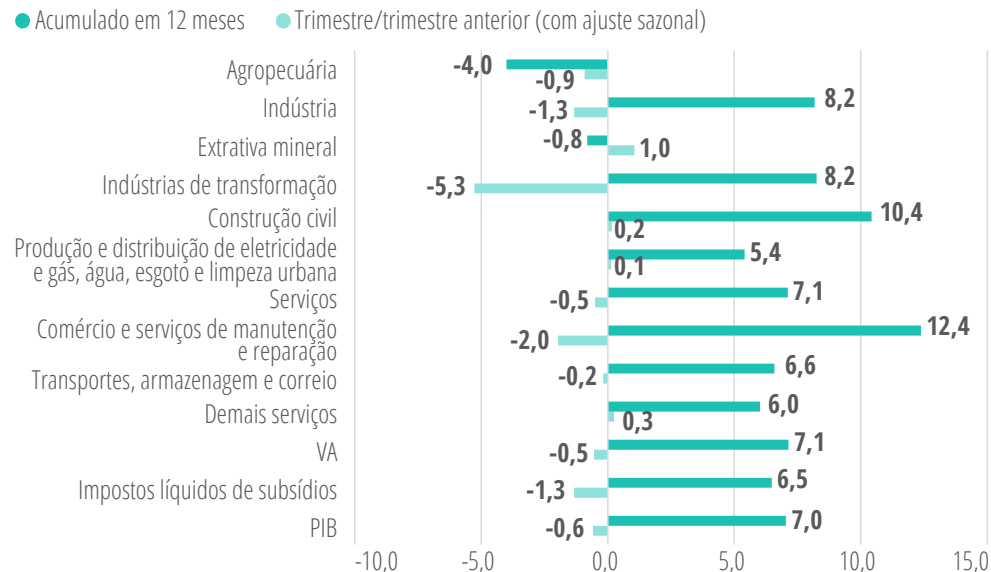
Em particular, chama a atenção, na comparação interanual, a retração de 5,3% da indústria de transformação, repetindo o movimento observado no segundo trimestre (-5,5%), quando foi interrompida a sequência de recuperação desse importante setor, observada entre o terceiro trimestre de 2020 e o primeiro de 2021.

Como mencionado, o quadro se altera quando analisada a taxa anual de crescimento, com o PIB paulista crescendo 7,0% no terceiro trimestre, resultado obtido a partir da expansão dos serviços (7,1%) e da indústria (8,2%), com a agropecuária recuando 4,0%.

Especificamente em relação à indústria, nota-se que o crescimento anual vem sendo determinado

Gráfico 8 - Taxas de crescimento do VA, por setor de atividade, e do PIB, trimestre contra trimestre anterior (com ajuste sazonal) e acumuladas nos últimos quatro trimestres em relação aos quatro trimestres imediatamente anteriores

Estado de São Paulo, 3º trim.2021, em %



Fonte: Fundação Seade.

Economia do Estado de São Paulo

pela indústria de transformação (8,2%) e pela construção civil (10,4%). Em termos bem resumidos, além da questão da base de comparação, a recuperação da indústria de transformação contou com o movimento de recomposição dos estoques, mantidos em níveis muito baixos em 2020, com o avanço das exportações e com a elevação dos investimentos, refletida na produção de máquinas e equipamentos.

Pelo lado dos serviços, merecem destaque o comércio, com crescimento de 12,4%, contando com o recente impulso do atacado paulista, e os demais serviços, com taxa de 6,0%, por conta do seu elevado peso, uma vez que agrega segmentos importantes como a intermediação financeira e os serviços de informação e comunicação, que sobressaíram tanto no período pré-pandemia como durante a pandemia.

Indicadores setoriais de atividade

Um detalhamento do desempenho dos setores de atividade pode ser obtido pelas pesquisas mensais do IBGE, que indicam o comportamento da indústria de transformação, do comércio varejista e dos serviços.

Indústria de transformação

Em setembro, a produção da indústria de transformação paulista registrou taxa anual de 8,7%, confirmando a forte recuperação iniciada entre março e abril, nessa forma de comparação (Gráfico 9).

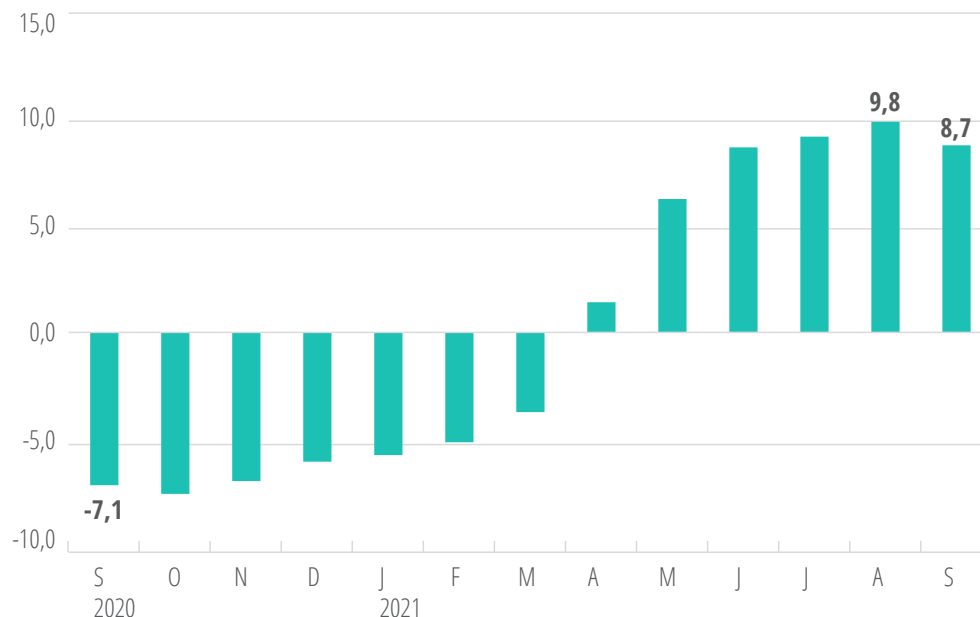
Economia do Estado de São Paulo

Os destaques positivos foram os segmentos de veículos automotores (28,1%), metalurgia (27,9%) e máquinas e equipamentos (26,6%), neste caso indicando expansão dos investimentos, principalmente daqueles voltados para recapacitação e/ou modernização das unidades preexistentes. Por sua vez, fortes quedas foram registradas nos segmentos de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores (-31,3%), de produtos farmoquímicos e farmacêuticos (-18,1%) e de produtos alimentícios (-10,4%).

Certamente, a recuperação da indústria paulista em termos anuais é muito relevante, pois esse importante segmento, que já mostrava fraco desempenho em 2019, foi duramente atingido pela pandemia. No entanto, preocupa a queda de 1,0% na comparação entre setembro e agosto (com ajuste sazonal), a quarta consecutiva nessa forma de comparação, indicando perda de fôlego e colocando dúvidas quanto à continuidade da recuperação em 2022.

Gráfico 9 - Taxas anuais de crescimento da produção da indústria de transformação

Estado de São Paulo, set.2020-set.2021, em %

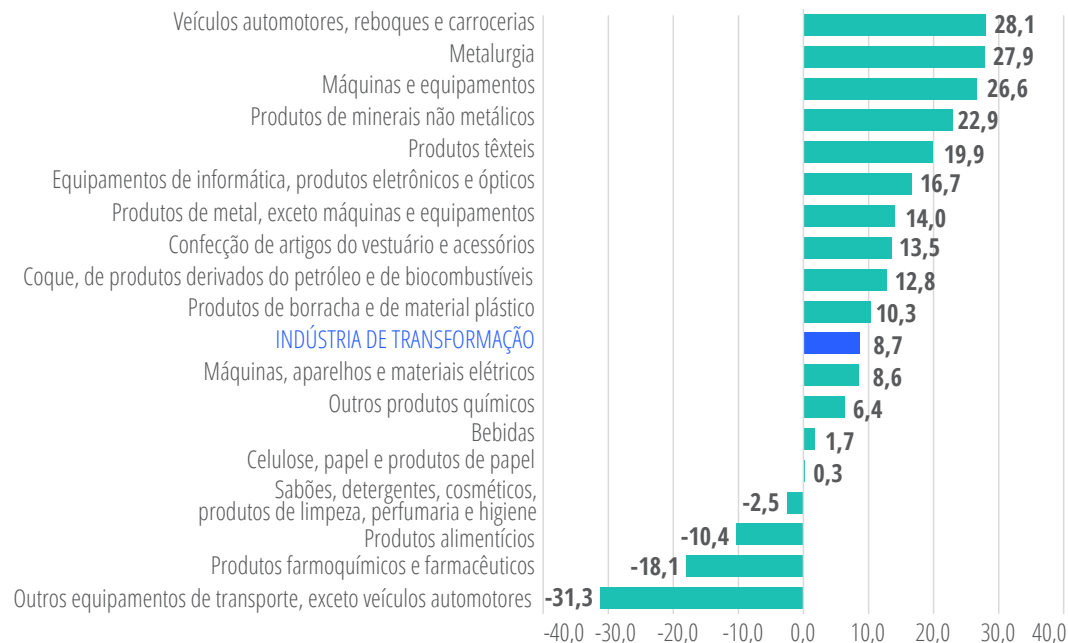


Fonte: IBGE; Fundação Seade.

Economia do Estado de São Paulo

Gráfico 10 - Taxas de crescimento acumuladas em 12 meses da produção da indústria de transformação, por atividade

Estado de São Paulo, set.2021, em %



Fonte: IBGE; Fundação Seade.

Economia do Estado de São Paulo

Serviços

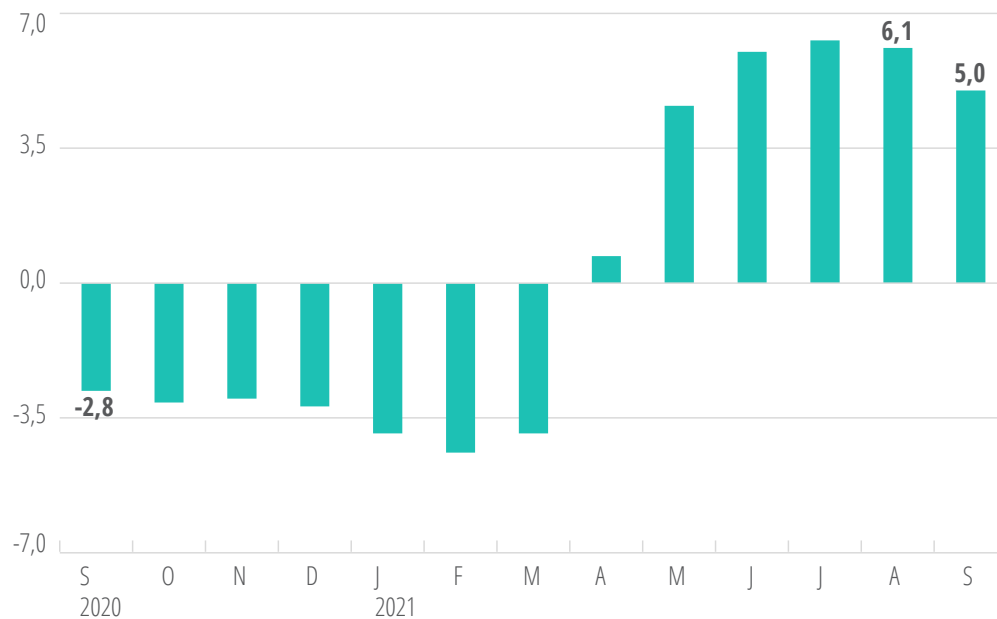
As pesquisas do IBGE relativas ao comércio varejista e ao volume de serviços são importantes para complementar a análise do comportamento do valor adicionado de serviços.

O comércio varejista ampliado do Estado de São Paulo encerrou o terceiro trimestre com uma expansão anual de 5,0%, confirmando a recuperação iniciada em abril, embora com taxas decrescentes, após o pico de 6,3% em julho, considerando essa mesma base de comparação (Gráfico 11).

Entre os segmentos tratados pela pesquisa do IBGE, sete têm crescimento acumulado em 12 meses, enquanto os outros três registram queda. Os destaques positivos foram outros artigos de uso pessoal e doméstico (22,5%), material de construção (15,0%) e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (6,4%). Os segmentos que apresentaram queda anual em setembro foram livros, jornais, revistas e papelaria (-36,4%), equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (-7,6%) e móveis e eletrodomésticos (-4,3%) (Gráfico 12).

Gráfico 11 - Taxas de crescimento do volume de vendas do comércio varejista ampliado acumuladas em 12 meses

Estado de São Paulo, set.2020-set.2021, em %

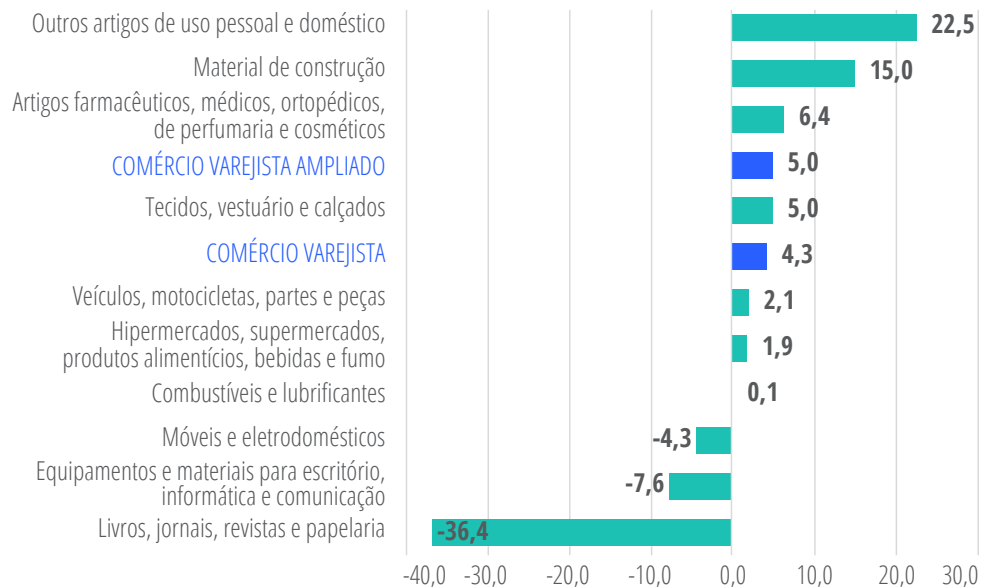


Fonte: IBGE; Fundação Seade.

Economia do Estado de São Paulo

Gráfico 12 - Taxas de crescimento acumuladas em 12 meses do volume de vendas do comércio varejista ampliado, por atividade

Estado de São Paulo, set.2021, em %



Fonte: IBGE; Fundação Seade.

Economia do Estado de São Paulo

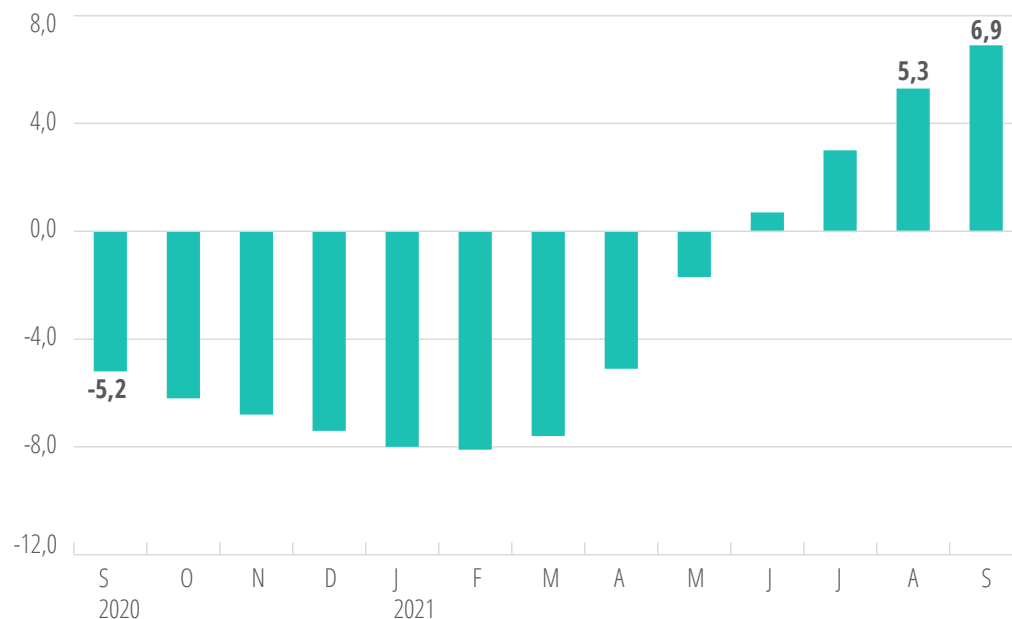
Como no caso da produção industrial, embora a recuperação do crescimento anual do comércio seja relevante, preocupam as sucessivas quedas na margem desde junho, atingindo -3,5% em setembro.

Em relação ao volume de serviços no Estado de São Paulo, a pesquisa do IBGE mostra uma taxa anual de 6,9% em setembro, confirmando crescimento a partir de junho (Gráfico 13).

Quanto aos segmentos pesquisados, apresentam crescimento anualizado em setembro os serviços de informação e comunicação, com taxa de 13,5%, e os transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (7,3%). Ao mesmo tempo, ainda foram observados recuos anuais nos segmentos de serviços prestados às famílias (-4,2%) e de serviços profissionais, administrativos e complementares (-3,0%).

Gráfico 13 - Taxas de crescimento acumuladas em 12 meses do volume dos serviços

Estado de São Paulo, set.2020-set.2021, em %



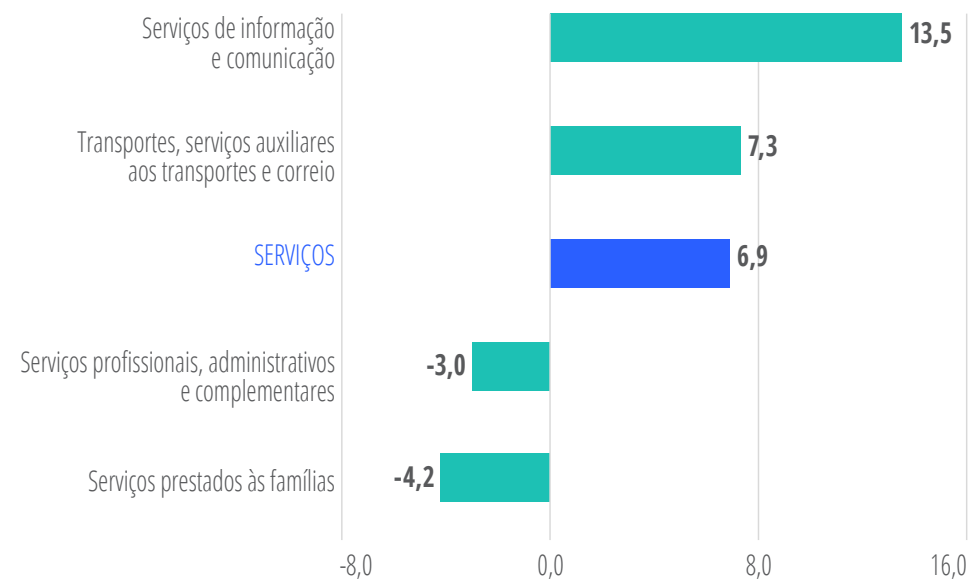
Fonte: IBGE; Fundação Seade.

Economia do Estado de São Paulo

Dois aspectos merecem atenção: a evolução positiva na margem entre março e agosto, que só foi interrompida com a retração de 1,6% em setembro; e o fato de que, com o arranque do volume de serviços nos últimos meses, foi dissipada a disparidade de desempenho em relação ao valor adicionado do setor, com setembro registrando taxas anuais de 6,9% (volume de serviços) e 7,1% (valor adicionado). Para tanto, conta bastante a expansão dos segmentos tratados pela pesquisa do IBGE, particularmente dos serviços prestados às famílias, cuja taxa anual passou de -24,0% (junho) para -4,2% (setembro), beneficiando-se do avanço da vacinação e da flexibilização das medidas restritivas.

Gráfico 14 - Taxas de crescimento do volume dos serviços acumuladas em 12 meses, por atividade

Estado de São Paulo, set.2021, em %



Fonte: IBGE; Fundação Seade.

Economia do Estado de São Paulo

Comércio exterior

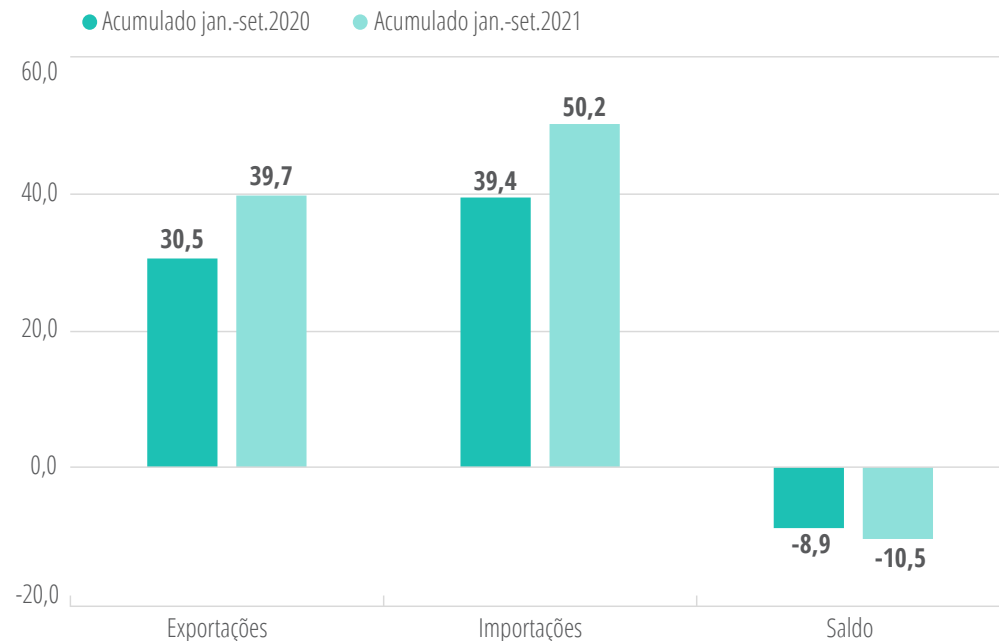
Considerando o acumulado do ano até setembro, as exportações do Estado de São Paulo atingiram o total de US\$ 39,7 bilhões, resultando crescimento de 30,2%, na comparação com o acumulado do mesmo período de 2020. Os principais produtos exportados foram açúcares de cana, óleos brutos de petróleo, soja, óleo combustível e carnes.

As importações paulistas totalizaram US\$ 50,2 bilhões no acumulado entre janeiro e setembro, com aumento de 27,3% na comparação com o mesmo período do ano passado. Em relação aos principais produtos de importação, destacam-se partes para aparelhos de telefonia, óleo diesel, óleos brutos de petróleo, caixas de marchas, inseticidas e vacinas para medicina.

Dessa forma, o saldo da balança comercial paulista foi negativo em US\$ 10,5 bilhões, no acumulado até setembro de 2021, elevação de 17,5% do déficit, na comparação com o mesmo período de 2020 (Gráfico 15).

Gráfico 15 - Valor das exportações e importações

Estado de São Paulo, acumulado jan.-set.2020–acumulado jan.-set.2021, em US\$ bilhões



Fonte: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços; Fundação Seade.

Economia do Estado de São Paulo

Mais uma vez, fica evidente o elevado coeficiente de importações da economia paulista, sobretudo por parte da indústria, resultando em déficits recorrentes da balança comercial já há muitos anos.

Ambiente econômico: mercado de trabalho, consumo e investimentos anunciados

O comportamento do conjunto formado por mercado de trabalho, consumo e investimentos é fundamental para formar um quadro mais completo do ambiente econômico do Estado de São Paulo ao final do terceiro trimestre de 2021.

Começando pelo mercado de trabalho, mesmo com a retração na margem do PIB paulista no terceiro trimestre, foi registrado um significativo crescimento da ocupação.

De acordo com a PNAD Contínua, do IBGE, a população ocupada no Estado de São Paulo chegou a 22,2 milhões de pessoas no terceiro trimestre de 2021, acréscimo, em termos absolutos, de 2,4 milhões de pessoas e crescimento de 12,1%, em relação ao mesmo trimestre de 2020, confirmando a recuperação em curso no mercado de trabalho.

Quanto à ocupação com carteira assinada, entre o segundo e terceiro trimestres de 2021, foram registrados acréscimos de 590 mil pessoas e, na comparação com o terceiro trimestre de 2020, o aumento foi de 1,1 milhão de pessoas, mostrando que a recuperação também abrange o mercado formal. Todavia, em relação ao terceiro

Economia do Estado de São Paulo

trimestre de 2019, período pré-pandemia, o resultado do terceiro trimestre de 2021 revela perda de 471 mil empregos com carteira assinada.

A despeito da grande importância dessa recuperação do emprego, é importante alertar que os segmentos sem carteira assinada, emprego doméstico e conta própria, na comparação com o terceiro trimestre de 2020, cresceram, respectivamente, 12,3%, 32,2% e 20,1%, acima do aumento registrado para o emprego formal. Também é interessante observar que o agregado dessas ocupações atingiu 8,7 milhões de pessoas no terceiro trimestre de 2021, o que, em relação ao mesmo período de 2020, representa um aumento absoluto de 1,4 milhão de pessoas sem vínculo empregatício (Tabela 1).

Economia do Estado de São Paulo

Tabela 1 - Variação da força de trabalho e do número de ocupados

Estado de São Paulo, 1º trim.-3º trim. 2021

Posição na ocupação	Variação do número de pessoas, em relação ao mesmo trimestre do ano anterior (em mil)			Variação em relação ao trimestre anterior (em mil)			Variação em relação ao mesmo trimestre do ano anterior (%)		
	1ª trim.	2ª trim.	3ª trim.	1ª trim.	2ª trim.	3ª trim.	1ª trim.	2ª trim.	3ª trim.
Força de Trabalho	-1.235	1.715	2.203	173	614	581	-4,8	7,4	9,4
Desocupados	428	389	-187	-10	57	-210	13,6	12,0	-5,2
Total da Ocupação	-1.662	1.326	2.390	183	557	791	-7,4	6,6	12,1
Com carteira	-815	354	1.135	249	16	590	-7,7	3,8	12,3
Sem carteira	-445	183	309	-183	73	221	-18,1	9,6	15,5
Trabalhador doméstico	-265	48	308	6	60	156	-20,2	4,5	32,2
Setor Público	160	39	-151	38	-26	-180	8,3	1,9	-7,4
Empregador	-328	-59	-83	-109	147	-29	-27,3	-5,5	-7,7
Conta própria	-17	753	869	168	315	36	-0,4	17,1	20,1

Fonte: IBGE; Fundação Seade.

Economia do Estado de São Paulo

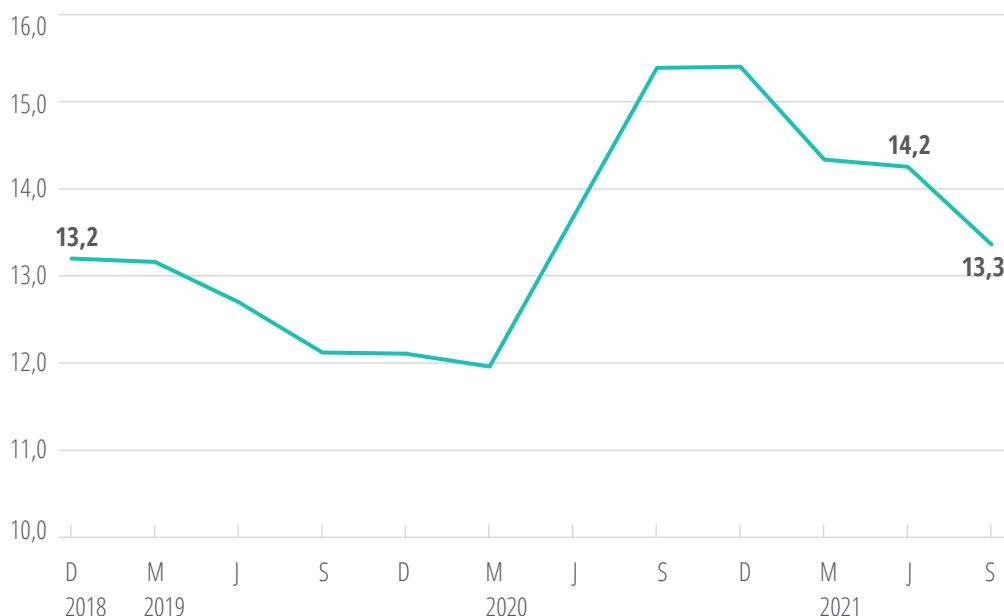
Outro aspecto positivo foi a redução da taxa de desemprego entre o segundo e o terceiro trimestres de 2021, que passou de 14,2% para 13,3%, excluída a sazonalidade, o que corresponde a um decréscimo de 187 mil desocupados.

Em relação aos rendimentos do trabalho, a comparação entre o terceiro trimestre e igual período de 2020 revela uma queda de 10,5% da massa de rendimento real, fruto da combinação dos seguintes fatores: inflação ascendente; elevação mais acentuada dos postos de trabalho sem vínculo empregatício e com salários e rendimentos inferiores; salários iniciais mais baixos no emprego formal; e ausência do auxílio emergencial no terceiro trimestre de 2021 (Gráfico 17).

No terceiro trimestre de 2020, a massa de rendimentos reais atingiu R\$ 76 bilhões, sendo que o auxílio emergencial vigente na época de R\$ 600 reais agregou R\$ 9 bilhões ao poder de compra dos consumidores no Estado de São Paulo. No terceiro

Gráfico 16 - Taxa de desocupação – série ajustada sazonalmente

Estado de São Paulo, mar.2019-jun.2021, em % da PEA

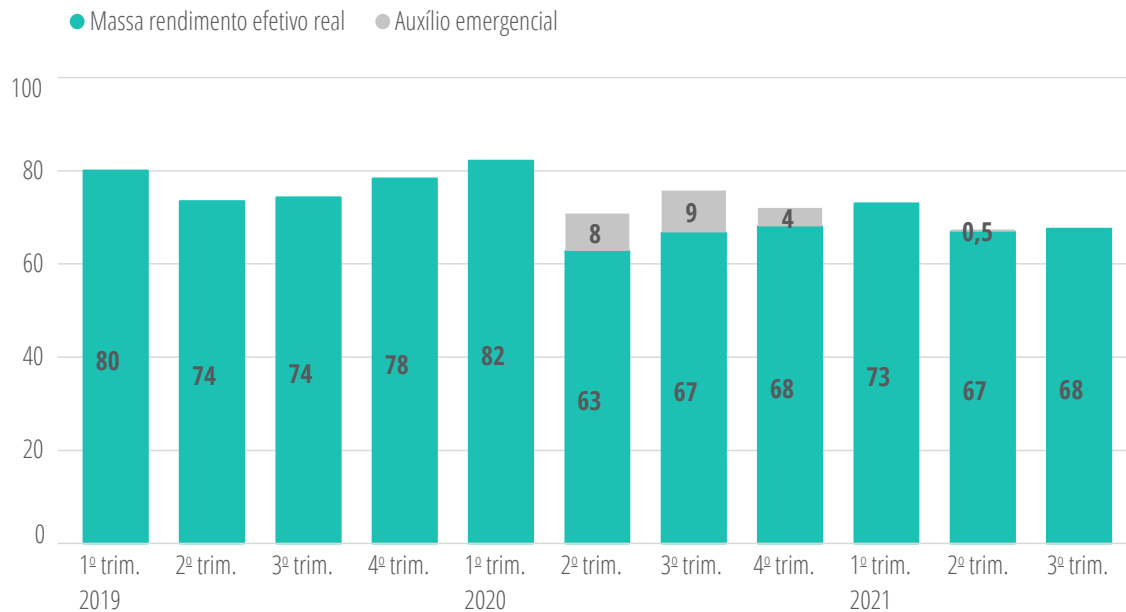


Fonte: IBGE; Fundação Seade.

Economia do Estado de São Paulo

Gráfico 17 – Massa de rendimento efetivo real do trabalho

Estado de São Paulo, 1º trim.2019.-3º trim.2021, em R\$ bilhões



Fonte: IBGE; Fundação Seade.

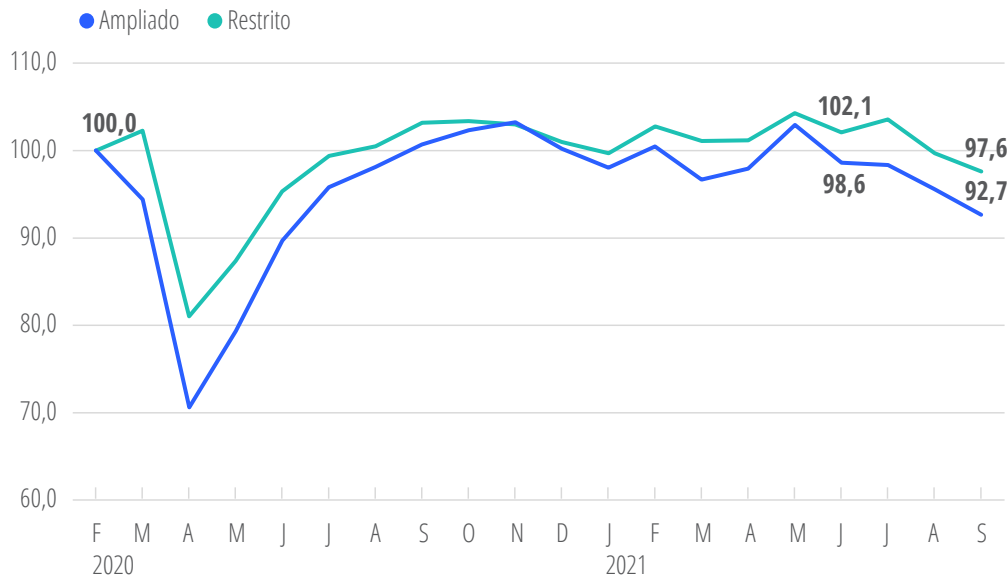
Economia do Estado de São Paulo

trimestre de 2021, mesmo com a evolução positiva do emprego, a massa de rendimento real atingiu R\$ 68 bilhões, praticamente o mesmo valor observado em 2020, excluído o auxílio emergencial.

Em relação ao consumo, tomando-se como referência o volume de vendas do comércio varejista, nota-se fraco desempenho no confronto mês contra mês anterior. Ao mesmo tempo, são registradas taxas mais elevadas de crescimento na comparação com 2020, embora declinantes nos últimos meses. Considerando a comparação mês contra mês imediatamente anterior e com ajuste sazonal, foram registradas quedas em setembro, tanto no comércio varejista restrito (-2,1%) como no ampliado (-3,1%) (Gráfico 18).

Conforme mencionado, as taxas são elevadas quando a base de comparação passa a incorporar 2020. Porém, o fraco desempenho na margem vem resultando em taxas anuais declinantes. No caso das vendas do comércio varejista ampliado, tem-se que, após atingir 6,3% em julho, a taxa anual começou a cair, chegando a 5,0% em setembro. De forma semelhante, o crescimento anual de 5,6% das vendas

Gráfico 18 – Índices mensais do comércio varejista restrito e ampliado, com ajuste sazonal
Estado de São Paulo, fev.2020-set.2021



Base: fev. 2020 = 100

Fonte: IBGE; Fundação Seade.

Economia do Estado de São Paulo

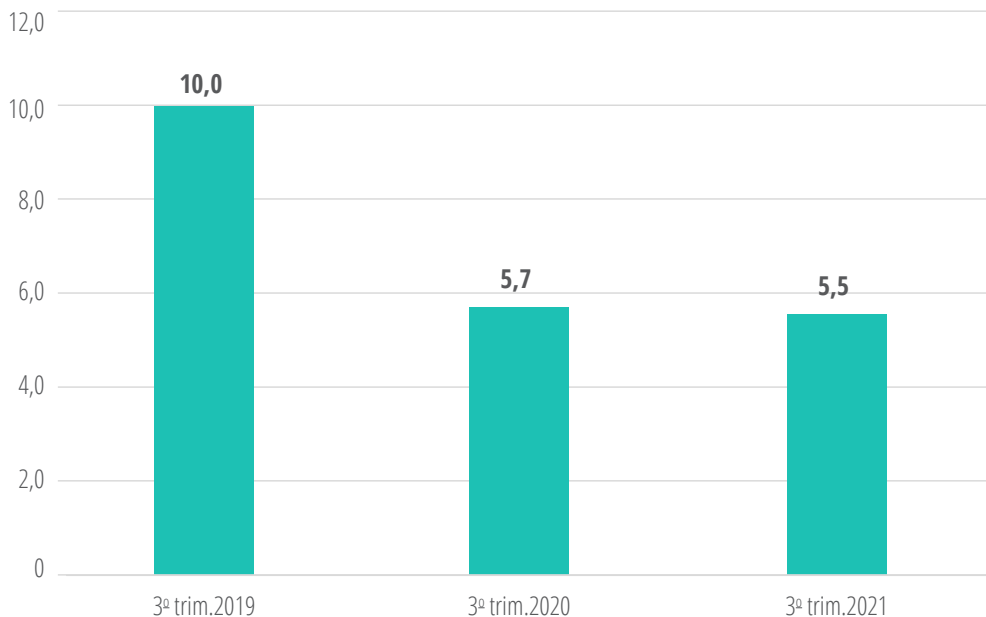
do comércio varejista restrito, em julho, recuou para 4,2%, em setembro. Pode-se dizer que, como o desemprego ainda é elevado e a inflação ascendente pressiona sobremaneira o orçamento das famílias, a recuperação do consumo fica comprometida.

Adicionalmente, outro fator de restrição é a elevação do endividamento familiar no Estado de São Paulo. Segundo a Fecomércio/SP, o número de endividados na capital paulista atingiu novo recorde (69,2%) em setembro, representando um crescimento 10,7% em relação a setembro de 2020, e com a estimativa de que sete a cada dez famílias estão endividadas.

Em relação aos investimentos, a Pesquisa de Investimentos Anunciados no Estado de São Paulo (Piesp), realizada pela Fundação Seade, mostra que, no terceiro trimestre de 2021, os investimentos anunciados totalizaram R\$ 5,5 bilhões, representando uma retração de 2,6% em relação ao mesmo período de 2020. Caso a comparação seja em relação ao terceiro trimestre de 2019, a queda seria de 44,6%, indicando que a pandemia foi bastante danosa para os investimentos.

Gráfico 19 – Valor dos investimentos anunciados – acumulados no terceiro trimestre

Estado de São Paulo, 2019-2021, em R\$ bilhões



Fonte: Fundação Seade. Pesquisa de Investimentos Anunciados no Estado de São Paulo – Piesp.

Economia do Estado de São Paulo

Ainda em relação ao terceiro trimestre de 2021, os investimentos anunciados tiveram a seguinte distribuição: 10,8% para a infraestrutura; 41,1% para a indústria; 28,9% para os serviços; 4,2% para o comércio; e 14,9% para a agropecuária.

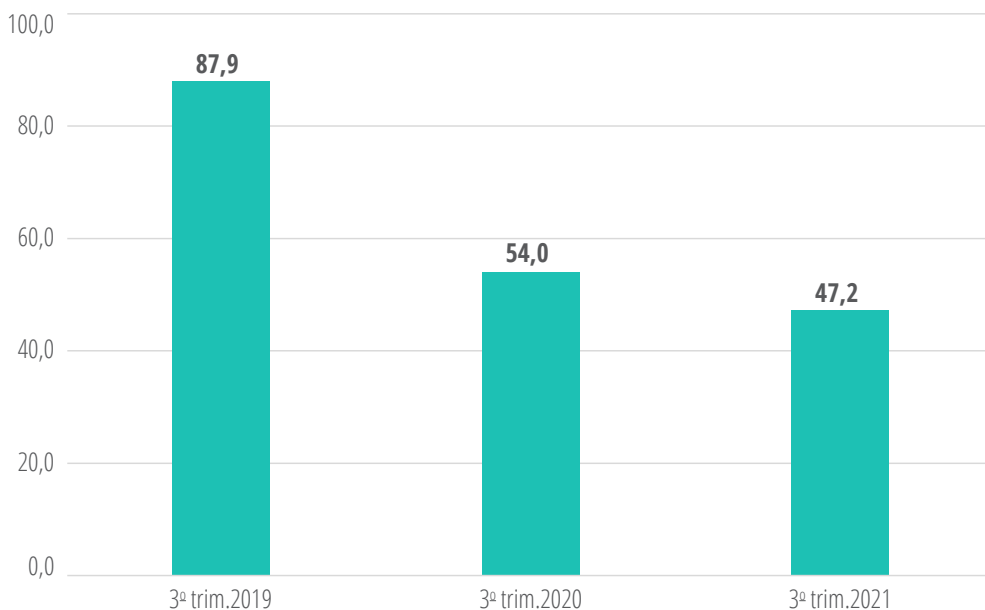
Considerando o acumulado de 12 meses até o final do terceiro trimestre, os investimentos anunciados chegaram a R\$ 47,2 bilhões, correspondendo a uma queda de 12,6% em relação a 2020 e de 46,3%, no confronto com 2019.

Em suma, os dados mostram o efeito negativo da pandemia sobre os investimentos anunciados no Estado de São Paulo, sensível também aos níveis de confiança, que vêm sendo afetados por incertezas no cenário internacional e nacional, além de fatores como inflação e crescimento modesto.

Em contrapartida, há razões para acreditar no avanço dos investimentos pontuais, voltados para a capacitação e modernização das unidades preexistentes, especialmente pelo avanço anualizado de 26,4% da produção paulista de máquinas e equipamentos até setembro.

Gráfico 20 – Valor dos investimentos anunciados – acumulados em 12 meses até o terceiro trimestre

Estado de São Paulo, 2019-2021, em R\$ bilhões



Fonte: Fundação Seade. Pesquisa de Investimentos Anunciados no Estado de São Paulo – Piesp.

Perspectivas

Ainda que a taxa anualizada do PIB paulista tenha atingido 7,0% no período, a comparação trimestre contra mesmo trimestre de 2020 tem mostrado resultados declinantes, na medida em que a base de comparação passa a incorporar a recuperação “em V”, mais claramente a partir de junho do ano passado.

As projeções da Fundação Seade para o PIB paulista em 2021 apontam para mínima de 5,6%, média de 6,2% e máxima de 6,4%,⁴ novamente abaixo das anteriores e se aproximando do carregamento estatístico de 2020 para 2021, calculado em 4,9%.

Quadro 1 – Taxas de crescimento projetadas pela Fundação Seade para o PIB paulista em 2021, em %

	Mínima	Média	Máxima
Estado de São Paulo	5,6	6,2	6,4

Fonte: Fundação Seade.

Quanto às perspectivas para 2021, cabe destacar alguns aspectos que vêm impactando substantivamente a economia paulista, cujos eventuais desdobramentos serão determinantes para o ritmo da atividade até o final do ano.

4. Seade. Projeções n. 34, novembro de 2021.

Perspectivas

Começando pela evolução da pandemia, o avanço da vacinação trouxe otimismo com a flexibilização e/ou retirada das medidas restritivas, abrangendo também as áreas de turismo e entretenimento. No entanto, a nova variante do coronavírus e a nova onda de contaminação, atingindo EUA e Europa, colocam dúvidas quanto à possibilidade de retorno à normalidade até que a imunização atinja escala mundial. E essa incerteza afeta negativamente o ambiente de negócios, mesmo que não sejam necessárias novas medidas restritivas.

A persistente alta da inflação, com o IPCA anualizado chegando a 10,7% em outubro, representa forte pressão sobre o orçamento das famílias, especialmente para as de renda mais baixa, contribuindo para o fraco desempenho do consumo. Segundo estudo do Ipea,⁵ a inflação anualizada até outubro foi maior para os três segmentos de renda mais baixa, superando os 11%, acima da taxa apurada para a classe de renda mais alta (9,3%).

O enfraquecimento do consumo vem se mostrando particularmente grave para a economia do Estado de São Paulo, com as vendas do comércio varejista ampliado recuando 0,1% na passagem de setembro para outubro e com ajuste sazonal, a quinta taxa negativa consecutiva nessa forma de comparação. Em termos anuais, o comércio varejista paulista ampliado registra avanço de 3,7% até outubro.

Também é importante lembrar que o processo inflacionário tem representado uma pressão generalizada de custos, afetando as condições gerais de produção, ainda mais

5. LAMEIRAS, M. A. P. Inflação por faixa de renda – outubro de 2021. *Carta de Conjuntura*, n. 53, nota 13, 4º trimestre 2021.

Perspectivas

considerando as dificuldades de repasse integral para os preços finais. Nesse sentido, cabe mencionar a evolução do IPA-DI, que atingiu em outubro a taxa anualizada de 25,0%, muito acima dos índices de preços ao consumidor.

Com a demanda abalada, a produção industrial paulista vem apresentando desaceleração na margem, com queda de 3,1% na comparação entre outubro e setembro e com ajuste sazonal, repetindo os resultados negativos de junho, julho e setembro. Ainda que a taxa anual seja elevada, com 7,3% em outubro, está em nível consideravelmente abaixo do resultado de agosto (9,8%).

Dentre os fatores positivos, cabe destacar a elevação da ocupação. Além disso, um importante impulso vem do emprego formal, com a criação líquida de 812 mil postos de trabalho, segundo o Caged, entre janeiro e outubro no Estado de São Paulo. Tal resultado é expressivo, ainda mais lembrando que, no mesmo período de 2020, houve extinção líquida de 164 mil empregos.

Apesar do avanço do déficit da balança comercial, é inegável a importância da evolução das exportações paulistas, atingindo US\$ 51,8 bilhões no acumulado de janeiro a novembro, o que representa crescimento de 23,0% em relação ao mesmo período de 2020, com destaque para açúcar, óleo bruto de petróleo, soja e automóveis, contando ainda com boas perspectivas para 2022.

Perspectivas

Outro fator positivo para a atividade reside na viabilização do Auxílio Brasil, o que impacta no consumo das famílias de renda mais baixa, que já têm seus orçamentos afetados pelo desemprego e pela inflação.

Com relação a 2022, as projeções da Fundação Seade para o PIB paulista têm mínima de 0,8%, média de 1,3% e máxima de 1,8%.⁶

Quadro 2 – Taxas de crescimento projetadas pela Fundação Seade para o PIB paulista em 2022, em %

	Mínima	Média	Máxima
Estado de São Paulo	0,8	1,3	1,8

Fonte: Fundação Seade.

Cabe ressaltar que dois efeitos estatísticos contribuem para projeções menores em relação ao PIB paulista de 2022. Em primeiro lugar, a base de comparação será mais alta do que foi em 2020, com o choque representado pela pandemia. Outro aspecto é que, em função da desaceleração no período recente, é provável que o carregamento estatístico de 2021 para 2022 seja pequeno, ou até negativo, dependendo da evolução da atividade nos meses finais do ano.

6. Seade. Projeções n. 34, novembro de 2021.

Perspectivas

A análise das condições atuais permite inferir que alguns fatores terão peso considerável na trajetória da atividade econômica paulista em 2022.

Começando pela inflação, as apostas vão no sentido de sua permanência no centro das preocupações. As projeções para o IPCA em 2022 não param de crescer, chegando agora em 5,0% (*Relatório Focus* de 06-12-2021). Com isso, também aumentam as apostas para uma elevação mais pronunciada dos juros básicos, encerrando 2022 em 11,3% a.a.

O desemprego deve permanecer elevado em 2022, constituindo um fator de restrição à expansão do consumo no Estado de São Paulo. Mesmo com o avanço da ocupação, as avaliações atuais são de que o recuo da desocupação seguirá lento, encerrando 2022 com taxa ainda de dois dígitos.

No que tange ao cenário internacional, as avaliações permanecem positivas, porém, conforme abordado, certas tensões vêm se tornando mais presentes. Em primeiro lugar, a inflação se mostra resistente, tornando provável um aumento mais pronunciado das taxas de juros internacionais. Por sua vez, há consenso quanto à permanência das dificuldades do abastecimento mundial de componentes eletrônicos, já que ainda são visíveis os problemas nas cadeias fornecedoras, enquanto a demanda continua elevada.

A questão hídrica, com seus riscos para o fornecimento de energia elétrica, é uma fonte de incertezas. De qualquer forma, analistas do setor realçam o fato de que o nível dos reservatórios em torno de 21% no subsistema Sudeste/Centro-Oeste exige chuvas bem

Perspectivas

acima do normal para que os riscos de racionamento, apagões ou de novas elevações no preço da energia saiam de cena no próximo ano.

Por último, merece atenção a recuperação observada nos investimentos. Como mencionado, o crescimento anualizado de 20,2% da formação bruta de capital fixo no país é surpreendente nas condições atuais do país. Além disso, o Ipea avalia que, dentre os componentes desse indicador, sobressai a produção de máquinas e equipamentos. Para a economia do Estado de São Paulo, embora não esteja disponível o cálculo da formação bruta de capital fixo, a PIM-PF do IBGE mostra um crescimento anualizado até setembro de 26,4% da produção paulista de máquinas e equipamentos.

Assim, há indícios de um ciclo de modernização e recapacitação, ao menos em parcela importante das unidades produtivas, tornando as economias nacional e paulista estruturalmente mais fortes. Embora ainda sejam hipóteses, o comportamento dessas variáveis não deixa de ser positivo para os cenários de curto e médio prazos.



Governador do Estado

João Dória

Vice-Governador do Estado

Rodrigo Garcia

Secretário de Governo

Rodrigo Garcia

SEADE

Presidente do Conselho Curador

Carlos Antonio Luque

Diretor Executivo

Bruno Caetano

Diretor-adjunto de Metodologia e Produção de Dados

Carlos Eduardo Torres Freire

Diretor-adjunto de Análise e Disseminação de Informações

Marcelo Moreira

Diretor-adjunto Administrativo e Financeiro

Carlos Alberto Fachini

Chefe de Gabinete

Sérgio Meirelles Carvalho

CONJUNTURA DA ECONOMIA PAULISTA

Responsável técnico

Vagner Bessa

Equipe técnica

Deraldo de S. Mesquita Jr., Luis Fernando Novais, Maria Regina Novaes Marinho e Regiane Lenardon

Assessoria de Editoração e Arte

Responsável técnico

Ricardo Kadouaki

Equipe técnica

Cristiane de Rosa Meira, Elisabeth Magalhães Erharter, Maria Aparecida Batista de Andrade, Rita Bonizzi, Tânia Pinaffi Rodrigues e Vania Regina Fontanesi

